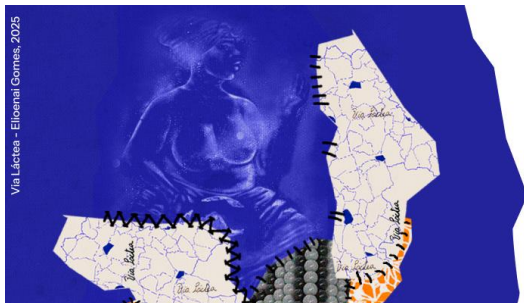




DERIVAS CARTOGRÁFICAS E O ENSINO DO DESENHO

CARTOGRAPHIC DRIFTS AND THE TEACHING OF DRAWING

Taliane Graff Tomita¹

Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC

Resumo: Este trabalho apresenta recortes de uma pesquisa cartográfica de doutoramento impulsionada pela questão: O que pode o desenho, em seus encontros com a Terra, contribuir com seu ensino? A partir desse interesse, por meio de derivas e deslocamentos no quintal de casa, abordam-se linhas que habitam o espaço entre o desenho e a Terra. O quintal surge de modo conceitual e literal, aparecendo como lugar de encontro e criação no ensino e também como espaço geográfico de deslocamento, pausa e experimentações poéticas que buscam relações entre a arte e a vida. Assim, experimentações com desenho trazem elementos capazes de se entrelaçarem e reverberarem em outros territórios, com o intuito de potencializar práticas pedagógicas. É uma forma de olhar para os espaços territoriais habitados pelo ensino em um convite ao ensinar com desenho para além do ensinar sobre desenho.

Palavras-chave: ensino; desenho; derivas cartográficas.

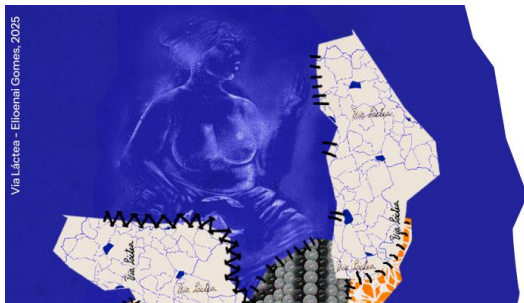
Abstract: This article presents excerpts from a doctoral cartographic research project, driven by the question: What can drawing, in its encounters with the Earth, contribute to teaching? Based on this interest, through drifts and displacements in the backyard, lines that inhabit the space between drawing and the Earth are explored. The backyard emerges conceptually and literally, appearing as a place of encounter and creation in teaching, as well as a geographic space of displacement, pause, and poetic experimentation that seeks connections between art and life. Thus, experiments with drawing give rise to elements capable of intertwining and reverberating in other territories, aiming to enhance pedagogical practices. It is a way of looking at the territorial spaces where teaching inhabits, extending an invitation to teach with drawing beyond teaching about drawing.

Keywords: teaching; drawing; cartographic drifts.

PONTAS SOLTAS

Nas trajetórias percorridas, em especial durante a investigação de mestrado na

¹ Mãe, professora e artista visual. Atua como professora de desenho em espaços não formais de ensino e como professora de Artes Visuais na Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina - PPGAV-UDESC, na Linha de pesquisa de Ensino das Artes Visuais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4644934819986032>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2833-0856>.

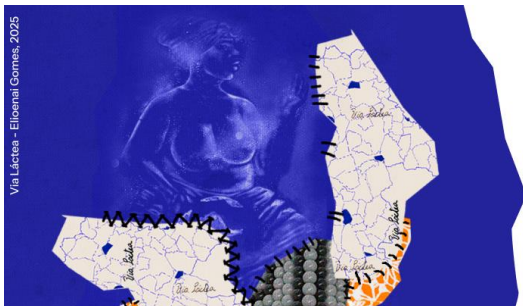


linha de pesquisa de Ensino das Artes Visuais, foi possível observar práticas pedagógicas de cursos livres de desenho, em espaços não formais de ensino, e aprender a valorizar alguns elementos no caminhar, como: o tropeço, a pausa, o erro, as incertezas e o inesperado. Agora, durante o doutoramento, as novas andanças não deixam de se entrelaçar com os passos já dados, mas pretendem explorar outras relações aproveitando algumas pontas soltas, indispensáveis para seguir pesquisando e encontrando novas direções.

Dentre todas as pontas, puxo uma bem curta, a linha quase escapa quando tento esticá-la. Mas como esticar essa linha rabiscada? Talvez a entendendo como possibilidade de caminho a ser percorrido ou potência de criação. Como as borboletas que foram anteriormente postas de lado no percurso acadêmico, para que o tempo coubesse em si mesmo, sem extrapolar seus próprios limites, e agora têm consentimento para comporem com a pesquisa. Arrasto aquela ponta solta até aqui e observo voos no quintal de casa. Faço um novo traço, tentando encontrar no cotidiano alguns caminhos, com o intuito de pensar relações entre o desenho e a Terra, por meio de deslocamentos e derivas e a partir do entrelaçamento de diferentes áreas do conhecimento, como um campo de experimentações capaz de potencializar práticas de ensino com o desenho. Tendo em vista que:

Nas experimentações abandonam-se convicções e certezas, fazendo-se disponível às linguagens, aos estímulos neste ou naquele momento, às intensidades presentes nos percursos. O que se pode a cada momento, nos diferentes e inesperados encontros, nos percursos inventados, tudo isso faz parte do interesse do pesquisador pelas preocupações que o mobilizam, pois experimentar é exercício consigo no ato de pensar, e envolve aquele que pensa com o que é pensado. (Godoy, 2008, p. 28 - 29)

Portanto, com o método da Cartografia e seu entendimento de que existem múltiplas entradas e saídas num percurso investigativo, a pesquisa é atravessada por uma escrita experimental, na tentativa de libertação das proteções do silêncio das linhas não produzidas, assim como de rotas pré-determinadas por outros que limitem ou diminuam nossa potência de vida. Estando assim, em consonância com a ideia de construção coletiva de conhecimento que se dá no caminhar e no acompanhamento de processos.



O trabalho aqui apresentado constitui-se por um pequeno recorte da pesquisa de doutoramento ² e aborda relações com o desenho e o seu ensino. Isso se dá a partir de fragmentos de experimentações pessoais da autora, tanto envolvendo a prática do desenho quanto práticas pedagógicas. Estas desenvolvidas em cursos livres de desenho realizados pela autora em espaços não formais, na cidade de Florianópolis/SC. O que surge é decorrente de esforços de captura e invenção, sendo assim, um misto de realidade e ficção, contendo em si as variações das linhas do desenho e permitindo intensidades, velocidades e espessuras díspares. Ora mais largas e escuras, como um traço vigoroso de uma ponta chanfrada de lápis 14B que, mesmo sendo riscado com a mão firme, gera uma linha macia, ora mais suaves e delicadas, porém, paradoxalmente duras e com limites mais definidos, como as provenientes de um traço com lápis H.

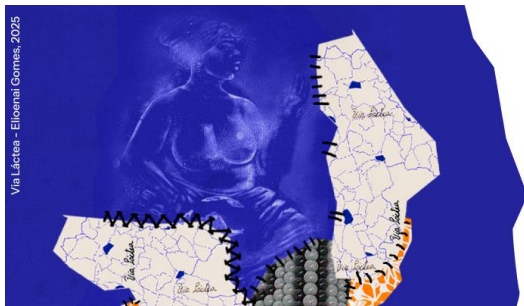
Por meio das nuances que estas linhas permitem e a partir de questões heterogêneas de diferentes campos de saber, buscam-se possíveis articulações, agenciamentos gerados pelos movimentos contínuos, desvios e (des)construções que a atitude docente e a prática artística podem propiciar ou mesmo exigir. Desse modo, a pergunta que impulsiona a pesquisa é: O que pode o desenho, em seus encontros com a Terra, contribuir com seu ensino?

Não tenho respostas corretas para tal questionamento, contudo, experimento cartografando derivas no quintal de casa, porque percebo que “o meu quintal é maior do que o mundo” ³, e nele coexistem forças de diferentes territórios por onde caminha esta professora, mãe, artista visual, bióloga, pesquisadora, ...

Com a intenção de tornar o caminhar investigativo menos rígido e linear e, portanto, mais disposto às variações e relevos dos territórios habitados pelo ensino do desenho, pretende-se pisar no chão também de pés descalços, colocando de lado aquelas velhas botas de solas bem grossas usadas para fazer trilha, já que estas, ao permitirem uma maior segurança, também nos tornam muito menos sensíveis às irregularidades e texturas do terreno. Sentir o toque da pele direto na terra, mesmo

² Doutorado em processo de conclusão, intitulado *Entre o desenho e Terra: Linhas em devir*. Realizado no Programa de Pós-Graduação da universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV-UDESC), na linha de Ensino das Artes Visuais.

³ Título de uma antologia de poemas de Manoel de Barros publicada em 2015.



quando isso trazer a possibilidade de desconforto e alguma dor. Assim, supõem-se aumentar as chances de um olhar atento aos passos e as suas sensações, num andarilhar aberto às metamorfoses advindas daquilo que a vida apresentar.

DERIVAS CARTOGRÁFICAS NOS QUINTAIS DE CASA

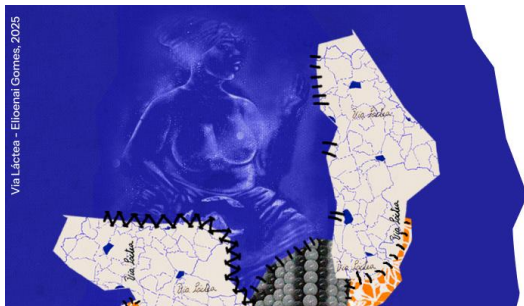
Nas derivas cartográficas o ‘quintal de casa’ se apresenta tanto no sentido conceitual quanto no literal. No primeiro caso, ele está associado à sala de aula, ateliê ou lugar em que exercito a docência (independentemente de ser em espaço formal ou não formal de ensino, presencial ou virtual), relacionando-se poética e inventivamente com os territórios existenciais⁴ habitados pelo ensino do desenho. No segundo caso, é o espaço geográfico do quintal que permite contato direto com a natureza, tendo em vista que ele é refúgio, abrigo e lugar de respiro, sendo inclusive, utilizado paradoxalmente como uma espécie de ‘sala de aula ao ar livre’ para encontros *on-line*. Deste modo, as próprias fronteiras destas definições se atravessam e perdem evidências mais nítidas de separação. Sendo assim, o quintal aparece como lugar de encontro e criação no ensino e também como espaço geográfico de deslocamento, pausa e experimentações poéticas, já que nele e a partir dele surgem desenhos que constituem esta pesquisa e contribuem para modos de se pensar a docência.

Já as derivas participam dessas composições autorizando uma jornada rígida de descontrolo sobre o que vem a seguir, “como liberações para os percursos porvir”⁵. Portanto, tendo em vista que a deriva é:

um estado de variação contínua do movimento, pois ela não se mostra nas variáveis de uma rota, mas na variação incessante de direções. [...] afirma-se como possibilidade de invenção de novos percursos [...]. É a vida que foge e não pode ser contida em um sistema que a comunique universalmente (Godoy, 2008, p. 25 e 26).

⁴ Segundo a pesquisa cartográfica “a construção de um território existencial não nos coloca de modo hierárquico diante de um objeto, como um obstáculo a ser enfrentado (conhecer = dominar) [...]. Cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele”, portanto, “habitar um território existencial diferente da aplicação [...] de um planejamento metodológico prescritivo, é acolher e ser acolhido na diferença que se expressa entre termos da relação: sujeito -objeto, pesquisador-pesquisado, eu e o mundo” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 135 e 148).

⁵ GODOY, 2008, p. 24.



Por essa perspectiva, as derivas são percebidas como movimentos que não se prendem ou se deixam seduzir por nenhuma rota permanente e imutável. Afirmando-se assim, em meio a incessantes variações de direções que abalam as certezas, os planos de ação e a ideia de que se precisa de um trajeto estabelecido à priori, afim de obter resultados específicos e esperados. Entende-se que:

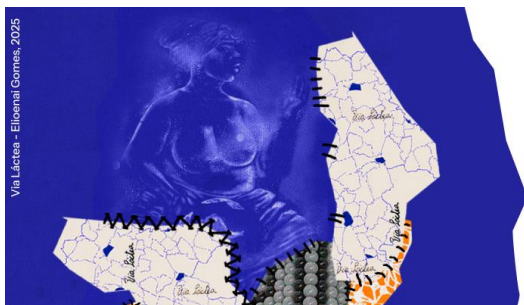
o pensar depende mais de um processo do que do objeto considerado; mais de um método de criação do que de resultados; mais de experimentações do que da aplicação de teoria à prática; mais de problematizações do que de descobertas (Corazza *In* Kohan, 2010, p. 82).

Portanto, a pesquisa se desenvolve por um viés de criações de redes de sentido multidirecionais, em que surge a presença do movimento constante, de um vir a ser que não cessa, deambulando entre práticas artísticas e pedagógicas.

ENCONTROS: DOS REGISTROS À INVENÇÃO

Diante das demandas incessantes do dia a dia há que se encontrar um momento de respiro, um espaço para aumento da potência da vida onde o desenho vem como fenda rasgando a dureza do concreto, abrindo brechas para que o verde possa nascer em meio ao cinza que nos cerca.

Com o cheiro do sol ainda fresco e com os habitantes e visitantes do quintal aparentemente em festa, as linhas do desenho trazem indícios de movimentos, resistências criadas em embates com o ar. Surgem da ilusão de perseguição do voo de borboletas e mariposas pelo riscador que marca o papel. Mas, logo esse gesto se percebe invenção. Se faz potência de criação, como dois personagens que interagem e criam juntos uma terceira coisa que vai além da repetição de falas decoradas. A prática de desenho que nasce da observação dos voos no quintal de casa, e se inicia interligada ao registro de percursos destes habitantes, expande-se para dar lugar ao acontecimento do encontro, suas forças e intensidades. A hierarquia, que aparentemente priorizava alguns movimentos, se dissolve e todo um universo de elementos se deslocando no ar passa a integrar a composição. Pólen, folhas, minúsculos insetos, penugens e o que mais atrair a atenção do olhar durante esta



pausa cheia de vida.

Figura 1 – Encontros no quintal de casa. Desenho. Nanquim sobre papel. 2020.

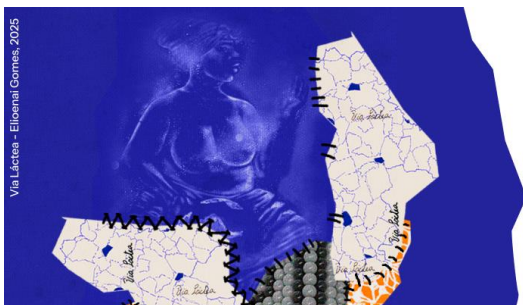


Fonte: A autora.

Cada risco cria para si um lugar de pertencimento. Mesmo que a intenção inicial tenha esbarrado numa vontade de imitação e de registros de trajetos de visitantes do quintal, ela é inútil. O gesto da mão, que tenta acompanhar o movimento seguido pelo olho, cria no espaço branco da folha uma nova existência. Força intensiva que desliza por conta própria inventando direções e caminhos, fazendo surgir seus próprios percursos. Cada traço com uma velocidade que é somente sua e em direções que não se importam com a bidimensionalidade do suporte. A folha acaba e o olhar segue buscando o voo, ora mais ligeiro e brusco, ora mais suave, a ponto de parecer uma coreografia muito bem ensaiada. Entretanto, em outros momentos o movimento que surge lembra mais uma insana dança de improviso que se satisfaz com a sensação deixada no corpo que a produz, sem outras preocupações.

Nessa presença, na força dos encontros, surge o pensamento de que talvez, seja mais comum do que se imagina ou se espera, o fato de que:

nos esquecemos que o meio ambiente é, em primeiro lugar, um mundo no



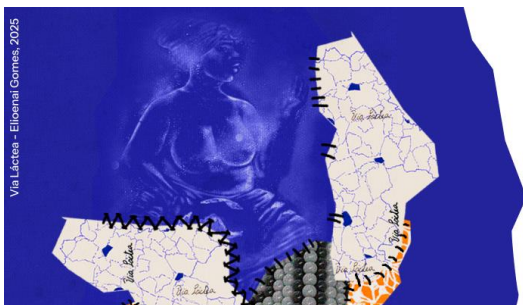
qual vivemos, e não um mundo para o qual olhamos. Habitamos o nosso meio ambiente: somos parte dele; e através desta prática de habitação ele também se torna parte de nós. Esse mundo habitado [...] inclui a terra debaixo dos nossos pés, o céu arqueando acima das nossas cabeças, o ar que respiramos, para não mencionar a profusão de vegetação, alimentada de energia pela luz do sol, e todos os animais que dependem dela, ocupadamente absorvidos em suas próprias vidas como estamos na nossa (Ingold, 2015, p. 153).

Pensando a importância de se perceber como parte do todo e dando ênfase à abertura para os afetos que nos atravessam, pretende-se criar conexões entre arte e vida. Dessa tessitura, que envolve as linhas do desenho e da escrita, surgem relações com as práticas pedagógicas, na busca por ensinar com o desenho para além de ensinar sobre o desenho. Da potência dos encontros de um quintal, e seus voos cheios de liberdade, as linhas apontam possibilidades de deslocamentos também no quintal habitado pelo ensino do desenho.

Em turmas de desenho em espaços não formais de ensino apresento uma proposição que insere o olhar de cada estudante e as relação construídas com os territórios, não apenas físicos e geográficos, mas também existenciais. Convido os estudantes a uma experiência coletiva - que consiste na construção de um mapa como suporte e tabuleiro para um jogo. Nesse gesto, o espaço que habitam transforma-se em território de invenções, com a intenção de aproximar seus contextos pessoais das práticas de desenho. Ao pensar a Ilha de Santa Catarina, por meio de afetos, memórias vividas ou invenções, cada participante traz seu próprio universo para a construção de um trabalho coletivo. O encontro se torna um lugar de troca, possibilitando o compartilhamento de ideias e tomadas de decisão, para que juntos os estudantes definam os percursos e acontecimentos/narrativas inseridas no jogo.

Seus corpos tomam outras posturas, seus desenhos, antes centrados em decisões mais solitárias, agora se expandem, abrindo territórios de contágios e negociações que envolvem um outro tempo. Seguindo com os encontros semanais de uma hora e trinta minutos de duração, o projeto, vivo e coletivo, se desenrola ao longo de alguns meses, em função de diferentes fatores: o aumento considerável do tamanho do suporte, o entrelaçamento de técnicas e, acima de tudo, o caráter coletivo que contempla, num único lugar, vários mundos que coexistem e se entrecruzam.

A seguir, apresenta-se uma das diversas produções coletivas desenvolvidas



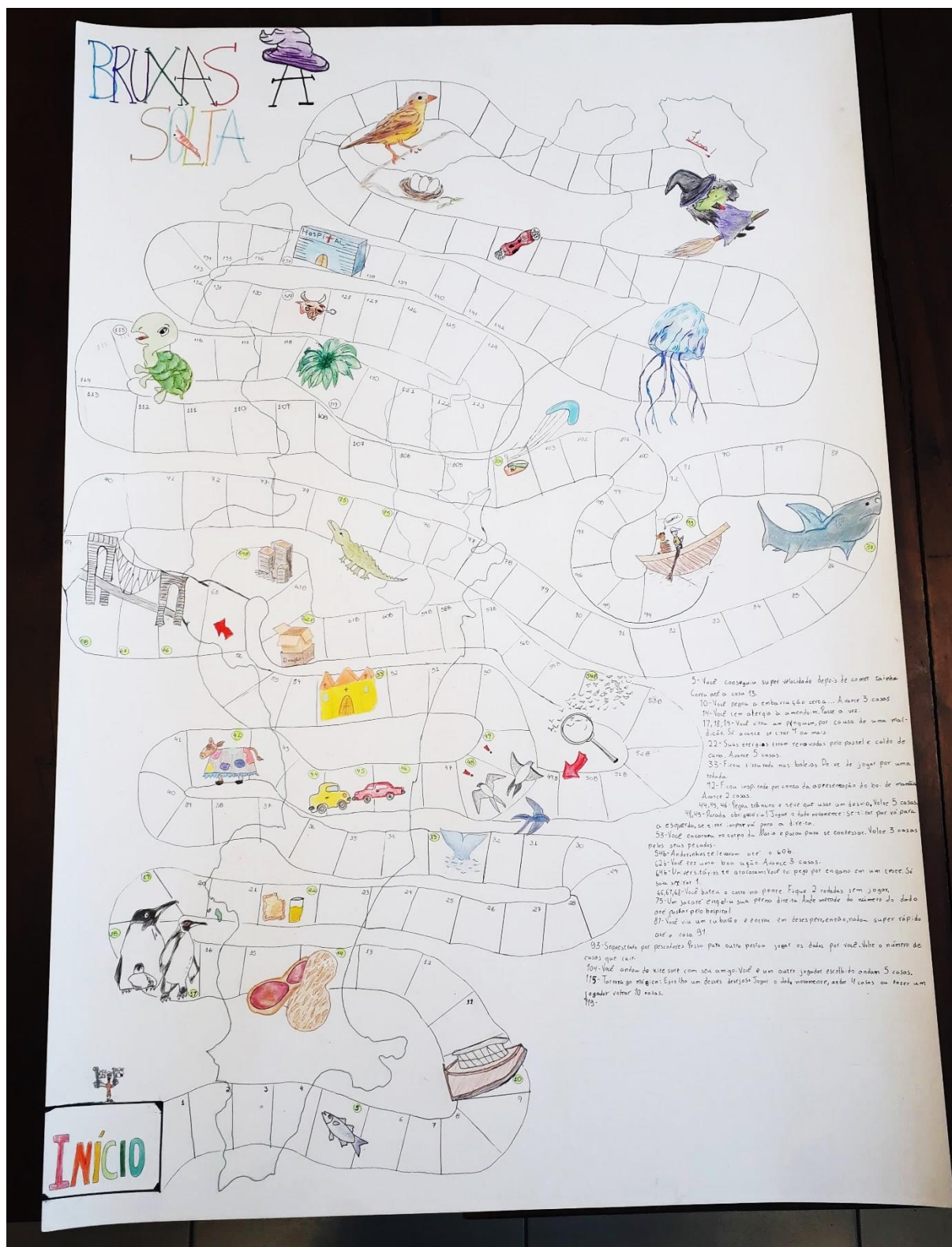
por estudantes de faixas etárias variadas (no caso específico: três estudantes entre oito e doze anos de idade), que integraram uma turma de desenho em espaços não formais de ensino onde leciono, na cidade de Florianópolis/SC.

Figura 2 – Fotografia digital dos estudantes em processo de produção do jogo 'Bruxas à solta'.



Fonte: Curso de desenho realizado na Artes e Ofícios Papelaria Técnica e Artística. 2021.

Figura 3 – Fotografia digital do Jogo ‘Bruxas à solta’ em fase final de desenvolvimento.



Fonte: Curso de desenho realizado na Artes e Ofícios Papelaria Técnica e Artística. 2021.

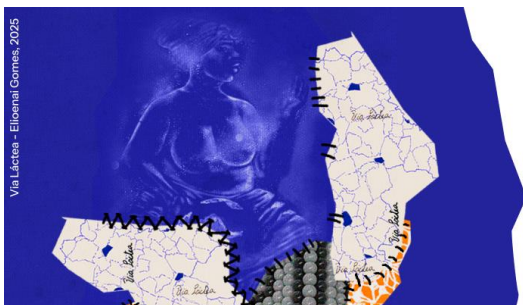
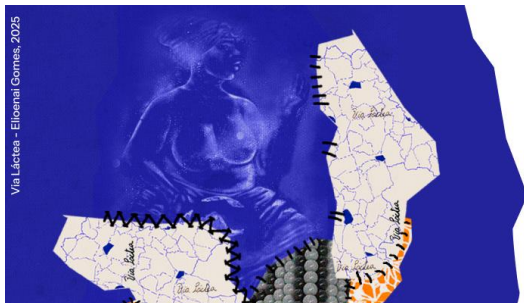


Figura 4 – Transcrição das narrativas criadas pelos estudantes para compor os percursos dos jogadores no tabuleiro do jogo 'Bruxas à solta'.

BRUXAS À SOLTA

- 5: Você conseguiu super velocidade depois de comer tainha. Corra até a casa treze.
- 10: Você pegou a embarcação certa. Avance três casas.
- 14: Você tem alergia a amendoim, passe a vez.
- 17, 18 e 19: Você virou um pinguim por causa de uma maldição. Só avance se tirar quatro ou mais.
22. Suas energias foram renovadas pelo pastel e caldo de cana. Avance cinco casas.
33. Ficou fissurado nas baleias. Deixe de jogar por uma rodada.
42. Ficou inspirado por conta da apresentação do Boi de Mamão. Avance duas casas.
- 44, 45 e 46: Pegou trânsito e teve que usar um desvio. Volte cinco casas.
- 48 e 49: Parada obrigatória! Jogue o dado novamente. Se tirar par, vá para a esquerda; se tirar ímpar, vá para a direita.
53. Você encarnou no corpo da Maria e parou para se confessar. Volte três casas pelos seus pecados.
- 54b: Andorinhas te levaram até a 60b.
- 62b: Você fez uma boa ação. Avance três casas.
- 64b: Universitários te atacaram: Você foi pego por engano em um trote. Só saia se tirar um.
- 66,67, 68: Você bateu o carro na ponte. Fique duas rodadas sem jogar.
- 75: Um jacaré engoliu sua perna direita. Ande metade do número do dado até passar pelo hospital.
- 87: Você viu um tubarão e entrou em desespero, então nadou super rápido até a casa 91.
- 93: Sequestrado por pescadores. Peça para outra pessoa jogar o dado para você. Volte o número de casas que cair.
- 104: Você andou de *kitesurf* com seu amigo. Você e um outro jogador escolhido andam cinco casas.
- 115: Tartaruga mágica. Escolha um desses desejos: jogar o dado novamente; andar quatro casas; ou fazer um jogador voltar dez casas.

Fonte: Curso de desenho realizado na Artes e Ofícios Papelaria Técnica e Artística. 2021.



A proposta permite que as narrativas do jogo, que indicam os acontecimentos e suas consequências, se construam com liberdade e democraticamente: às vezes o desejo de desenhar um elemento específico guia a história que surge depois; outras vezes, a narrativa se antecipa, definindo posteriormente qual desenho marcará a casa no tabuleiro. Desenho e a narrativa se contaminam, se interconectam, dançando juntos, sem que nenhum deles seja necessariamente anterior ao outro. Do mesmo modo como se conectam as vivências e invenções de cada participante. A intenção é “criar não fazendo *como o ‘mestre’*, mas fazendo *com* ele, vivendo experiências juntos”⁶. Assim, em parceria com a professora, a turma mergulha em seus voos imaginários, partindo de lugares – igrejas, feiras, hospitais, praias –, e acontecimentos diversos (reais e ficcionalizados) – como a observação das baleias, o trânsito intenso, esportes e alimentações comuns na Ilha, ou ainda da cultura popular, como boi de mamão e as bruxas. Abre-se um vasto campo de ideias mediadas pelo docente por questionamentos, sugestões e, sobretudo, discussões coletivas.

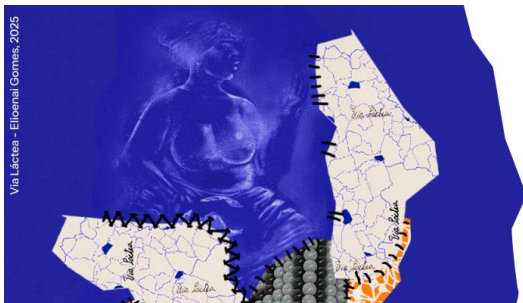
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho não almeja respostas e conclusões definitivas, mas caminhos possíveis. Ele é atravessado por experimentações poéticas que ajudam a pensar o ensino com o desenho, em consonância com a crença de que o “experimentador realiza uma experimentação sobre si mesmo” e de que a ele cabe a atitude de “inventar o modo de o fazer no limite do que torna o pensamento potente para se mover”⁷. Deste modo, os movimentos de uma aventura no terreno incerto da produção poética, não menos indeterminado que o da prática docente, buscam uma “escrita-artista” que, como coloca Corazza (2006) não é acabada, nem deve ser explicada, mas que é um processo em desenvolvimento que não se esgota, pois é “bloco de devires; conjugações de fluxos, [...] mutante”⁸ e rizomática, deixa-se atravessar pelos riscos. Arriscar-se entre desenhos e palavras, entre práticas de desenho e práticas

⁶ ZORDAN, 2019, p. 124. Nesta passagem a autora faz referência a um trecho da obra de Friedrich Nietzsche chamada Zaratustra, em que este “pergunta-nos como criar sem ser duro para fulgurar e cortar e retalhar” (NIETZSCHE, 1988, p. 256 *In* ZORDAN, 2019, p.124).

⁷ GODOY, 2008, p. 27.

⁸ CORAZZA, 2006, p. 30 – 31.



pedagógicas, na tentativa de uma “luta pelo tempo porvir, em que sejam revigorados os modos de expressão da educação”⁹, traçando linhas de construção inventivas, relacionadas aos processos de criação envolvidos no habitar de territórios distintos por onde caminho.

O que ficam são indícios das derivas e suas reverberações na prática docente, tendo em vista que esta se desenha na incessante necessidade de rever condutas, caminhos, encontros. Pois, ser docente é ser a própria metamorfose, é devir outro, é habitar o entre.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*: Manoel de Barros, antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 168 p.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 120 p.

CORAZZA, Sandra Mara. Pedagogia dos sentidos: a infância informe no método Valéry-Deleuze. In: KOHAN, Walter Omar (org.). *Devir-criança da filosofia: infância da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 336 p.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (col. Antropologia.). 392 p.

ZORDAN, Paola. *Gaia Educação: Arte e Filosofia da diferença*. Curitiba: Appris, 2019. 137 p.

⁹ CORAZZA, 2006, p. 25.